"Crimes e pecados": A ética na tela

Vincenzo Di Matteo*

Os problemas éticos da humanidade são tratados de diversas formas. Neste artigo o Autor mostra como hoje uma consciência nova recoloca temas éticos do passado problematizados pelas aceleradas mudanças na sociedade contemporânea. Para fazer as suas considerações, o A. recorre ao filme "Crimes e pecados" de Woody Allen. Neste filme, segundo o A., a ética está radicalmente questionada em sua existência e seus fundamentos. Confrontam-se neste filme duas cosmovisões: a judaico-cristã, com um sistema moral baseado num poder superior, e a nihilista-existencialista, que encara o mundo como destituído de valores, cruel e sem piedade.

Na medida em que o Autor comenta o roteiro do filme, aponta os aspectos éticos que impregnam cada cena. O cineasta consegue magistralmente que seus personagens representem as angústias e incertezas do homem de hoje, percorrendo os vários sistemas éticos que outrora orientaram os homens. Tudo parece ter desmoronado. Ao final da interpretação o A. prefere apostar na esperança de Levy, um dos personagens do filme, que confia nas gerações futuras, e acredita que elas alcançarão uma compreensão maior em relação aos caminhos a seguir.

1. Introdução

Os problemas que a ética tem abordado nos últimos milênios são os mais variados: o drama da liberdade, o eterno problema do bem e do mal, a experiência da culpa moral, o conflito entre legalidade e legitimidade, lei natural e lei humana, o relativismo cultural de certos ideais de comportamento, o drama das consciências frente a uma responsabilidade cujo alcance nem sempre é fácil delimitar, o conflito entre consciências que querem se orientar por uma certa racionalidade e padrões de comportamento marcados por preconceitos ou falsos racionalismos ou verdadeiros irracionalismos, o difícil convívio entre liberdades individuais e exigências estatais ou sociais, o conflito de interesses entre indivíduos e grupos ou entre classes sociais ou entre blocos econômicos, a relação sempre dialética entre direitos e deveres em permanente mudança na medida em que a consciência dos indivíduos e dos povos vai se alargando e firmando etc...

Neste sentido existe hoje uma consciência nova que recoloca problemas éticos anteriores num novo enfoque mais problematizador ou detecta problemas novos gerados pelas profundas e aceleradas mudanças da sociedade contemporânea. Sem dúvida, um dos grandes sensores destas mudanças são os filmes, que retratam dinamicamente os usos e costumes do homem do século 20.

Às vezes são meramente descritivos. Outras vezes são portadores de uma denúncia que, pelo menos implicitamente, aponta para uma conduta ética diferente, a passagem "do que é" para "o que deve ser".

Entre os vários filmes que poderíamos citar gostaria de destacar "**Crimes e Pecados**", escrito e dirigido por Woody Allen, um filme intrigante que retoma a problemática mais radical da ética, a de sua própria existência e de seus fundamentos.

O filme narra alternadamente a problemática da Judah e de Clifford, duas histórias que parecem caminhar, lado a lado, sem uma relação mais profunda entre elas, mas que acabam se cruzando no final do filme, radicalizando o debate ético que o perpassa da primeira à última cena.

* Vincenzo Di Matteo é professor do Departamento de filosofia da UFPE.

2. O roteiro de "Crimes e Pecados"

O filme se inicia nos apresentando o protagonista principal, Judah Rosenthal, oftalmologista, casado, pai de uma filha, Scharon. Rosenthal é homem prestativo e bem informado, até sobre viagem e música clássica, capaz de corar diante dos elogios que lhe são dirigidos pelo seu empenho na construção de uma nova ala de oftalmologia.

Casado há 25 anos com Miriam Rosenthal, terá que enfrentar um desfecho imprevisível de um romance escondido que mantinha há dois anos com Dolores Paley, uma mulher mais jovem, à beira de um ataque de nervos, "vingativa, histérica, neurótica", segundo a avaliação do próprio Judah, e que não se conforma em terminar a relação.

As pressões começam por uma carta de Dolores enviada a Miriam. Judah a intercepta em tempo e a queima. Seguem-se telefonemas na própria casa do casal, no consultório oftalmológico, exigências de uma viagem...

De nada adianta a contemporização de Judah: uma compensação financeira pelas eventuais perdas de oportunidades afetivas e de trabalho, uma ajuda terapêutica... Dolores é irredutível. Parece que os dois anos de mentiras e desonestidades só podem ser resgatados pela verdade: Miriam deve saber que marido ela tem, um marido mentiroso e capaz de desviar doações públicas em próprio proveito para escapar da falência.

Acuado e sem saída, Judah recorre inicialmente aos conselhos do rabino Ben, seu amigo e paciente ao mesmo tempo, cuja vista vai piorando dia a dia. Da escuridão da cegueira que se aproxima o rabino relembra a Judah que "se o amor é verdadeiro, como o reconhecimento do erro, pode haver lugar para o perdão".

Duas cosmovisões e duas éticas se enfrentam, a do rabino que "não podia viver sem a crença num sistema moral pleno de significados reais e de perdão, regido por um poder superior" e o

de Judah que, apesar de uma infância marcada por uma educação religiosa, acredita que "o mundo é destituído de valores, cruel e sem piedade".

Judah acha que Miriam (ou ele?) não agüentaria a verdade. É necessário encontrar outra saída, mas qual?

Aconselha-se com o irmão Jack, mais novo do que ele, mas que vive no "mundo real", enquanto ele estaria perdido no "mundo dos ricos".

Fica chocado, inicialmente, diante das insinuações de Jack de como solucionar o problema. Afinal, "um ser humano não é um inseto. Não pode simplesmente esmagá-lo".

Admite para si mesmo que "talvez tenha cometido atos questionáveis". Ecoam nas sua consciência as palavras do rabino Ben: "A Lei, Judah, sem ela só há escuridão! ", mas acossado e sem saída conclui para si mesmo que "Deus é um luxo que não posso ter" e dá o sinal verde para o irmão encomendar o "serviço sujo".

Recebe a notícia da morte de Dolores, por telefone, numa noite em que está acontecendo uma reunião festiva em sua casa. "Oh, meu Deus!" exclama, por duas vezes, profundamente abatido. "É como se nada tivesse acontecido" — o conforta o irmão. Em vão: a conversa telefônica se encerra com um sussurro que é quase um gemido: "Que Deus tenha pena de nós!".

Na mesma noite volta à casa de Dolores para retirar objetos compremetedores. Encontra-a no chão, morta, de olhos abertos. "Acha que os olhos são o espelho da alma?", Dolores tinha perguntado certa vez ao oftalmologista. Judah, que nem em vida conseguia enxergar alma alguma, agora apenas percebe um "vácuo sinistro".

Não se transgride impunemente um código ético. Resquícios da formação religiosa vem à tona, especialmente a imagem do olho de Deus que tudo vê. De visita a sua antiga casa paterna revive, como espectador e ator ao mesmo tempo, uma cena muito

sugestiva e significativa, a da ceia pascal em família, acompanhada de uma interessante discussão.

O pai Sal é uma pessoa profundamente religiosa. Se tivesse de escolher entre Deus e a verdade não hesitaria em escolher a Deus. Defende a tese de que Deus é justo, castiga os maus e recompensa os bons. A tese é contestada pela irmã "leninista" ao lembrar-lhe que muitos nazistas escaparam impunes de seus crimes. Seguem-se uma série de afirmações que abalam "o sistema moral do universo", tais como: Não existe uma moral natural. A moral é variável. Nada está escrito em pedra. A história é escrita pelos vencedores. Se os nazistas tivessem ganho a guerra a versão dos fatos seria outra", etc.

Sal, porém, rebate: "Na Bíblia ou em Shakespeare o assassino paga!". "Se não for pego e se a ética não o importunar estará salvo", discorda a irmã.

As teses do pai prevalecem inicialmente. Judah anda tenso, com insônia, irritadiço, bebe mais do que o habitual. A paz talvez volte se aceitar a lógica desta ética universal: "Cometi um crime e tenho que pagar"... "O mundo sem Deus é um esgoto"...

Quatro meses depois, porém, a história parece encaminhar-se para um desfecho diferente e surpreendente. Retornaremos a ela mais adiante, após a narração da história de Clifford, quando as duas irão desaguar no interessante debate ético das últimas cenas.

Clifford Stern, Cliff para os íntimos, representado no filme pelo próprio Woody Allen, é um modesto produtor de documentários sobre "lixo tóxico, crianças famintas, leucemias", cujos temas não lhe proporcionam nem fama, nem dinheiro.

Encarna, porém, um certo idealismo. É um sonhador, portador de uma consciência crítica que o opõe frontalmente aos valores encarnados pelo cunhado Lester, este sim, um produtor cinematográfico rico e famoso, um verdadeiro fenômeno americano.

Cliff é casado. Por sinal, mal casado. Seu casamento está em crise. Sua esposa, Wendy, um professora de literatura, distante sexual e afetivamente, é irmã de Lester, justamente o cunhado, cujo sucesso não consegue suportar.

Encontramos Cliff pela primeira vez assistindo um filme, sua diversão favorita. Acompanha-o a sobrinha Jenny, filha da irmã Bárbara, uma viúva carente e ingênua que vai envolver-se mais tarde com um homem problemático. Sente-se, um pouco, o pai substituto da pequena Jenny, e não deixa, de vez em quando, de oferecer-lhe suas orientações morais, tais como: "Não preste atenção ao que os professores dizem, mas ao que eles são".

Outras vezes o reencontraremos num cinema, assistindo filmes que, coincidentemente, refletem na tela a problemática vivenciada por Judah.

Conhece Halley Reed, uma mulher recém-descasada que trabalha como produtora associada e com a qual tenta estabelecer laços afetivos. Mulher que nunca recusa "caviar e champanhe", também não vai resistir às investidas amorosas do Lester, rico e famoso.

A filmagem na qual Cliff está apostando é um documentário sobre um professor de Filosofia, Louis Levy. Trechos de seus pensamentos são recorrentes ao longo do filme, o qual, por sinal, se encerra com as palavras do fascinante e imprevisível pensador.

É que Levy, após ter reiterado inúmeras vezes, com palavras e atitudes, seu "sim à vida", suicida-se inesperadamente, deixando um prosaico bilhete com o qual noticia sua morte: "Pulei pela janela".

A contradição existencial (vida-morte) de Levy reflete, de alguma forma, os paradoxos que seu pensamento focaliza. O primeiro, o da religião: como conciliar a imagem de um Deus de bondade com determinadas exigências éticas? Os antigos hebreus criaram um Deus bom e protetor, mas que, ao mesmo tempo, exige um determinado comportamento moral. Um dos primeiros

pedidos desse Deus a Abraão foi o sacrifício de seu filho Isaac. "Ainda não conseguimos criar um Deus totalmente amoroso e benévolo", conclui Levy com sua voz pausada e calma.

O segundo paradoxo é o do amor. "Nossos sentimentos, quando nos apaixonamos, formam um estranho paradoxo. De um lado buscamos reencontrar todos ou alguns que amamos na infância, por outro lado esperamos que o ser amado corrija todas as falhas que cometeram contra nós". Desejamos o impossível: conservar e, ao mesmo tempo, transformar o passado.

O terceiro, o paradoxo da vida e do seu sentido num mundo vazio e absurdo. "Quando nascemos precisamos de uma grande dose de amor para nos convencer a continuar vivos. Quando obtemos esse amor, geralmente ele nos basta. Mas o universo é árido e sem cor. Somo nós que o investimos de sentimento e, sob algumas circunstâncias, achamos que nada vale a pena".

Quais forma "as circunstâncias" que levaram o filósofo ao suicídio não sabemos. O que o filme nos conta é que Cliff precisa de dinheiro e acaba aceitando a proposta de Lester de trabalhar num documentário da série "mentes criativas", o que pode dar a Cliff dinheiro, fama e oportunidade de "adquirir valores verdadeiros".

O problema é que o protagonista do documentário é o próprio Lester.

Sem nenhuma empatia com as idéias e os valores do cunhado, acaba editando um documentário que vai revelar as fraquezas de um homem superconvencido e sedutor. Naturalmente perde os direitos sobre o filme e é expulso física e simbolicamente do mundo de Lester.

Uma das idéias defendida por Lester é a necessidade de um certo distanciamento dos problemas morais e sociais para despi-los de sua dimensão trágica, relativizá-los, reinterpretá-los e superá-los numa nova dimensão, a da comédia. "Comedia — ele nos diz — é tragédia mais tempo".

Esta parece ser, também, a tese de Judah no final do filme. A tragédia do assassinato de Dolores vai se diluindo com o passar do tempo. Mas vamos voltar ao filme. Celebra-se a festa de casamento de Julie, a filha de Ben. Estão presentes o radiante casal Rosenthal (Judah e Miriam), o casal Stern (Cliff e Wendy), prestes a desmoronar, e o casal Lester-Halley, prestes a se oficializar.

Cliff sente-se deslocado na festa e até nas suas próprias roupas. Solitário e pensativo é a imagem viva da derrota e da revolta impotente. Entretido em fantasias "de um crime perfeito", é abordado por Judah que lhe propõe um grande roteiro para um filme com final inesperado.

A trama giraria em torno de um homem bem sucedido, o qual, após um crime, "começa a ser perseguido por culpas profundas. Ecos perdidos de sua educação religiosa, que rejeitava, vêm à tona. Escuta a voz de seu pai. Imagina que Deus observa cada passo seu. De repente o universo deixa de ser vazio. Torna-se regido por uma justiça e uma moral e ele as violou. Fica tomado de pânico. Está no limiar de um colapso mental. Por muito pouco não confessa tudo à polícia. Então, um dia ele acorda. O sol brilha, sua família o cerca. Misteriosamente, a crise se dissolvera. Leva a família para a Europa e descobre, com o tempo, que não será castigado. Pelo contrário, prospera. O crime é atribuído a um vagabundo, culpado de outros assassinatos. Sente-se livre novamente. Retorna à sua vida normal, à segurança de seu mundo de riqueza e privilégios".

— Pode mesmo voltar ao que era? Pergunta, cético, Cliff.

Sim, parece insinuar Judah ao afirmar que "na vida é preciso encontrar justificativas para nossos erros. Enquadrá-los em teorias, senão como viveríamos?"

Não, parece afirmar Cliff ao exigir um desfecho trágico para a história. — Na ausência de Deus, o assassino é forçado a punir-se, entregando-se.

Isso, porém, segundo Judah, não passaria de mera ficção, coisa de cinema, final feliz para um filme de Hollywood. A realidade, ao contrário, nos apresenta um assassino que não se sente condenado nem pela própria consciência e que, certamente, não se entregará.

Enquanto o rabino Ben dança com sua filha recém-casada, o casal Rosenthal se abraça feliz e sonha com um casamento igualmente bonito para sua filha Sharon. As imagens se alternam com outras cenas do filme, que são reapresentadas e como que comentadas pela voz suave de Levy:

— Durante nossas vidas, todos enfrentamos decisões penosas, escolhas morais. Algumas delas têm grande peso, a maioria não tem tanto valor assim. Mas definimos a nós mesmos através das escolhas que fazemos. Na verdade somos feitos da soma total de nossas escolhas. Tudo se dá de uma forma tão imprevisível, tão injusta. É como se a felicidade humana não tivesse sido incluída nos desígnios da criação. Somos nós, apenas com nossa capacidade de amar, que atribuímos sentido ao universo indiferente. Assim mesmo, a maioria dos seres humanos parece ter habilidade de continuar e até de encontrar prazer em coisas simples, como sua família, seu trabalho, na esperança de que as gerações futuras alcancem uma compreensão maior".

Até aqui o filme.

3. O drama ético de "crimes e pecados"

Evidentemente, Woody Allen não pretendeu transpor na linguagem cinematográfica um tratado de ética, abordando sistematicamente seus múltiplos aspectos. O filme, porém, se presta para inúmeras considerações, visto que estamos diante de um grande painel alegórico. Seus personagens remetem intuitivamente a uma realidade que transcende aquela específica representada no filme.

O pai de Judah, o religioso Sal, bem como o sereno rabino Ben, sem sombra de dúvida representam a longa e sólida tradição religiosa judaica. O avanço da cegueira de Ben seria a expressão do apagar-se progressivo no mundo de hoje da chama ética judaico-cristã que iluminou os séculos passados?

Judah é o cético homem de ciência. Introduz um ponto de luz na escuridão progressiva dos olhos de Ben. Mas a luz da fé do rabino não consegue iluminar a cegueira espiritual do cientista.

O professor de Filosofia Levy, evidentemente, simboliza a igualmente longa tradição filosófica do Ocidente, mesmo que suas palavras se sintonizem mais com a filosofia existencialista do século XX. Seu suicídio inesperado simbolizaria o fracasso da razão humana na busca de um ponto de apoio para dar um sentido à vida e ao agir?

O "fenômeno americano", o superdinâmico, produtivo e realista Lester certamente representa os valores dominantes da sociedade americana. Nesse sentido Woody Allen, sem duvida, é um daqueles que, como diziam os romanos, "castigat, ridendo, mores".

Vamos deixar um pouco de lado a crítica social presente no filme para nos determos mais sobre o debate teórico em torno da problemática ética.

Provavelmente nos identificaremos ao mesmo tempo com Ben e com Levy. De alguma maneira, todos somos filhos culturais dos judeus e dos gregos.

Nossa civilização ocidental gravitou, por quase dois mil anos, em torno destes dois centros: o logos grego e o logos judaico-cristão, a Razão e a Revelação, a Episteme (a razão demonstrativa) e a Pistis (a fé). Teologia e filosofia foram as duas colunas sobre as quais se ergueu o projeto civilizatório do Ocidente.

Apesar de todo um esforço milenar, especialmente na Idade Media, de fazer coincidir razão e fé e não obstante inúmeras convergências entre Teologia e Filosofia, as duas cosmovisões e

as duas éticas, a elas subjacentes, parecem irredutíveis a um consenso pacífico.

Existem antinomias ético-religiosas que se evidenciam no conflito entre o ponto de vista de Levy, de Judah e de sua tia "leninista" de um lado e o rabino Ben e o pai Sal de outro.

A ética de Ben, por exemplo está alicerçada no mundo transcendente de Deus e da Revelação. Acredita num sistema moral regido por um poder superior. A outra ética apresentada por Levy, por exemplo, situa-se aquém da religião.

A ética religiosa é heterônoma (a Lei), a filosófica é autônoma. Somos nós que atribuímos sentido ao universo indiferentes, nos diz Levy.

A ética filosófica é imanente, está voltada para este homem e este mundo concreto. "A felicidade humana não foi incluída nos desígnios da criação. Ela é encontrada pela maioria em pequenas coisas, como a família, o trabalho...," sempre palavras de Levy.

A ética religiosa privilegia a iniciativa de Deus, cuja graça é invocada pelas preces. Quantas vezes o próprio Judah exclama "Oh, meu Deus!".

A filosófica, assenta-se única e exclusivamente sobre a liberdade humana. "Definimos a nós mesmos através das escolhas que fazemos" (Levy).

A ética filosófica, porém, terá que enfrentar um grande problema, exatamente na medida em que desce dos céus religiosos para tentar encontrar dentro deste mundo concreto dos homens a bússola secularizada de seu agir moral.

"O olho de Deus que tudo vê e que o pequeno Judah introjeta a partir da educação paterna era o grande fiador da ordem moral.

Com a "morte de Deus", encontrou o homem outro olho simbólico, guardião atento de seu agir e juiz dos "crimes e pecados" ocultos?

Cliff não tematiza o problema, mas o postula. Deve existir um julgamento ético da conduta humana. – Na ausência de Deus, o assassino é obrigado a punir-se, entregando-se.

Mas quem será o juiz? Deus? A Lei revelada? O Universo? Uma Lei Natural não escrita? A Natureza humana? A razão? A Sociedade com suas leis escritas e seus costumes? A Historia?

As respostas da filosofia no decorrer de seus mais de 2.500 anos são as mais variadas. Fundamentalmente, porém, poderíamos reduzi-las às que foram dadas pelos Sofistas e por Sócrates no séc. V a.C.

De um lado os "mestres da virtude" sustentam a tese de que os códigos morais dos vários povos e cidades não passam de mera convenção social e por conseguinte não são inatos, podem ser aprendidos e ensinados.

Do outro, Sócrates e sua convicção de que os conceitos fundamentais da ética têm seu fundamento na natureza das coisas e do próprio homem. Conseqüentemente o código moral não é ensinado. Encontra-se inscrito no coração do homem. Cada indivíduo apenas toma consciência do que implicitamente já sabia.

Estas duas posições básicas, a do convencionalismo e a do naturalismo percorrem a história do pensamento ocidental.

Com os Sofistas se alinharam epicuristas, céticos, empiristas, positivistas, neo-positivistas, existencialistas, marxistas etc...

Com Sócrates, Platão, Aristóteles, os estóicos, os neoplatônicos, os escolásticos, os filósofos cristãos, em geral.

No filme, a posição religiosa e naturalista manifesta-se nas palavras de Ben, de Sal, do próprio Cliff, da Dolores, nos remorsos de consciência de Judah, logo após o assassinato...

A postura mais próxima dos sofistas, dos céticos e do nihilismo moral a encontramos nas palavras da sofrida tia de Judah, a irmã de Sal: a ética nada mais seria do que uma listagem (e listagem provisória) das convenções vigentes numa determinada época e que são impostas pelos vencedores.

4. Conclusão

Neste final de século, e de milênio, nos sentimos um pouco perdidos e perplexos. A chamada Modernidade não agüentou o peso de um mundo ético inscrito para sempre nas "pedras" da Lei revelada ou da Lei cósmica e tudo "desmanchou pelos ares". Nós, pós-modernos, parece que não agüentamos "a insustentável leveza do ser". Gritamos, desesperadamente, por mais ética.

Estamos numa encruzilhada de caminhos. Retornar à antiga e segura trilha aberta pela tradição religiosa e a tradição socrática ou nos aventurar por mares nunca dantes navegados? Ousaremos como novos Ulisses singrar o mar aberto, abandonando a segurança da Revelação, da Natureza e da Razão? Descobriremos novos mundos éticos? Aprenderemos a conviver fraternalmente num pluralismo ético, sem dogmatismos, maniqueísmos, etnocentrismos e tantos ismos que levaram o Ocidente, na sua busca pela ortodoxia e pela ortopraxia, a um projeto civilizatório equivocado ou pelo menos questionável? Nos perderemos num mundo desconhecido e a-ético?

Apostamos na esperança de Levy: que "as gerações futuras alcancem uma compreensão maior".